



CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: ESTRATÉGIA LÚDICA NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Storytelling: a playful strategy in the teaching and learning process

Naianne Costa da Silva¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, Brasil

Meiry Fernandes da Silva²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, Brasil

Karen Yasmim Alves Oliveira³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, Brasil

Resumo

A pesquisa aborda o resgate da contação de história como estratégia lúdica no processo educativo, considerando que na contemporaneidade existem diversos métodos tecnológicos lúdicos como estratégia no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, busca-se compreender de qual forma a contação de história pode ser considerada uma estratégia lúdica vantajosa para os processos de ensino e aprendizagem? A pesquisa de abordagem qualitativa desenvolveu-se a partir do método pesquisa bibliográfica. O objetivo do trabalho visa resgatar a contação de história como auxílio no processo de aquisição de conhecimentos, corroborando que desde os primórdios a contação de história é uma prática utilizada é bastante benéfica para o desenvolvimento cognitivo e social do sujeito. A relevância do tema reside no crescimento do uso das tecnologias, resolvemos trazer o resgate dessa ferramenta que foi importante nos processos educativos, buscando compreender se continua sendo uma ferramenta importante no ensino e aprendizagem. Através dos resultados encontrados, compreendemos que a contação de história por meio da ludicidade acarreta com diversas contribuições para o processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Aprendizagem . Ensino. História. Ludicidade.

Abstract

The research addresses the recovery of storytelling as a playful strategy in the educational process, considering that in contemporary times there are several playful technological methods as a strategy in the teaching and learning process. In this way, we seek to understand how story telling can be considered an advantageous playful strategy for teaching and learning processes? The qualitative research approach was developed based on the bibliographic research method. The objective of the work aims

¹Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade de Educação na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FE/UERN); Discente bolsista do programa de Educação Tutorial - PET Pedagogia (SESu/MEC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5336467421720677>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2676-7773>. E-mail: naiannecostanc@gmail.com

²Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; Graduanda do curso Pedagogia na UERN. Bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET Pedagogia (SESu/MEC); Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Contexto e Educação - CONTEXTO (UERN/CNPq). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6885933587293471>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3933-530X> E-mail: meiryfernandes@alu.uern.br

³Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade de Educação na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FE/UERN); Discente bolsista do programa de Educação Tutorial - PET Pedagogia (SESu/MEC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7539649520469100>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6978-1984> E-mail: karen.yasmimaalves@gmail.com



to rescue story telling as an aid in the process of acquiring knowledge, corroborating that since the beginning, story telling has been a practice used and is quite beneficial for the subject's cognitive and social development. The relevance of the topic lies in the growth in the use of technologies, we decided to bring back this tool that was important in educational processes, seeking to understand whether it continues to be an important tool in teaching and learning. Through the results found, we understand that storytelling through play makes several contributions to the teaching-learning process.

Keywords: Learning . Teaching. History. Playfulness.

1 Introdução

A contação de histórias é uma das práticas educativas mais longas da história, podemos considerar que aqui no Brasil, por exemplo, a contação de história se manteve presente desde o período dos povos indígenas que realizavam a narração das histórias de maneira oral. Pensando nisso, esta pesquisa busca resgatar a contação de história como estratégia de auxiliar o processo de ensino e aprendizagem de uma forma lúdica nas séries dos anos iniciais do ensino fundamental I.

Ao ter o conhecimento de que é necessário haver uma atenção maior voltada para a contação de histórias para as crianças, visto que hodiernamente, cada vez mais crianças perdem o interesse pela leitura, e o desenvolvimento cognitivo, social e motor da criança tende a ser prejudicado, devido ao excesso uso de telas, se faz necessário compreender a importância de aplicar a leitura no processo de desenvolvimento cognitivo das crianças da atualidade.

Portanto, este trabalho parte da seguinte indagação: a contação de história pode ser considerada uma estratégia lúdica vantajosa para os processos de ensino e aprendizagem? Assim, temos como objetivo geral analisar a contação de história como estratégia lúdica produtiva para os processos de ensino e aprendizagem.

A relevância deste estudo consiste em que a contação de história, além de contribuir para o desenvolvimento cognitivo da criança, na condição de estratégia lúdica, possibilita um maior interesse pela literatura, porque permite uma socialização de sentimentos, de saberes e de conteúdos com fluidez, dialogando com afetos. Assim, defendemos que a contação de história de forma lúdica é capaz potencializar os processos de aprendizagem das crianças tendo em vista o alcance do conhecimento.



Também, ao ser utilizada como ferramenta no processo de aprendizagem, possibilita no futuro a contação de história formando crianças leitoras, principalmente se tal prática for introduzida nas crianças desde a educação infantil e se estendendo durante todo o trajeto da educação básica. Para isso é necessário que a contação de história possa ser democrática, no sentido de inclusão para todos, para que assim exista compreensão da mensagem/assunto/informação narrada.

Portanto, o trabalho em tela está desenvolvido em quatro 4 partes, sendo a primeira discutindo a importância da ludicidade na aprendizagem, neste tópico trazemos a essência da ludicidade na potencialização no processo educativo, reconhecendo a utilidade do lúdico no processo mais dinâmico e estratégico. A segunda parte, a contação de histórias como estratégia de ensino e aprendizagem, neste tópico é abordado sobre a historicidade da contação de história, sendo uma narrativa de relevância para prevalecer a tradição da contação de história no processo educativo.

Além disso, discutimos quem foi o primeiro autor a escrever histórias voltadas para o público infantil e como essa prática pode ser utilizada na educação, por meio dos professores servindo como um recurso pedagógico para auxiliar no ensino e aprendizado dos alunos. A terceira parte é sobre formação de crianças leitoras através das contações de história, neste tópico, abordaremos a relevância da contação de histórias como ferramenta de apoio no processo de desenvolvimento da leitura dos alunos. No quarto e último ponto, apresentamos as considerações finais, na qual será exposto o resultado desta pesquisa.

2 Metodologia

A pesquisa realizada, de caráter qualitativo, a partir do método de pesquisa bibliográfica, recorreu a material publicado em livros e artigos científicos. Gil (2002, p. 44) explica que "a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos".

O interesse e relevância da temática surgiu a partir de questionamentos sobre quais estratégias de ensino são usadas nos processos de aprendizagem, considerando o período atual do uso de telas. Assim, pensamos em resgatar a contação de história, que por muito tempo foi uma estratégia no processo de ensino aprendizagem desde a antiguidade, buscamos identificar se tal prática continua sendo



uma metodologia eficaz para o processo de ensino aprendizagem dos alunos dos anos iniciais.

3 Resultados e Discussões

3.1 A importância da ludicidade na aprendizagem

Para que possamos compreender a fundo o que seria ludicidade vamos iniciar conceituando o termo referido. De acordo com a enciclopédia, a ludicidade é um termo originado da palavra latina "*ludus*", que significa jogo, brincadeira.

O lúdico é uma ferramenta pedagógica que professores podem utilizar em sala de aula como técnicas metodológicas na aprendizagem. Através da ludicidade os alunos podem aprender de forma divertida, concreta e, conseqüentemente, mais significativa, promovendo uma educação de qualidade (Souza, Marinelli, Silva, Antunes e Silva, 2020, p1).

Assim, por meio do exposto acima, podemos considerar a ludicidade no contexto educacional, o conceito breve que seria os jogos e as brincadeiras com intuito pedagógico de aprender brincando. A ludicidade na prática auxilia o processo de aprendizagem de uma forma mais leve e significativa.

Na educação o processo de ensino e aprendizagem já passou por diversos momentos, na concepção da educação tradicional, o aluno é um sujeito passivo que tende a receber informações, memorizá-las e seguir uma ordem. Nessa concepção a aprendizagem se dá por meio de aulas onde o professor fala e o alunado aprende sem questionamentos, sem direcionamento ou possibilidades de ensinar de outras formas, podemos evidenciar ao Segundo Teixeira (2018, p.96) afirmar:

O processo de aprendizagem é meramente reduzido à absorção e repetição do conhecimento, há uma substituição da criatividade pela mimetização. Ao se barrar a criatividade humana, acaba-se por reduzir o homem a arquivista, barrando então seu próprio talento e potencialidade.

Diante do que Teixeira (2018) retrata que, não existe valorização do sujeito, respeito às suas limitações ou adaptações para uma aprendizagem afetuosa. Importante ressaltar que o modelo tradicional foi considerado eficaz por no período da pedagogia jesuíta, mas com a contínua incessante de mudanças, para um ensino



mais diferenciado existiu a necessidade de mudar os modelos de ensino, bem como Teixeira nos afirma novamente:

a escola vem se modificando e trazendo marcas de seu tempo, no caso das abordagens educacionais sofrem o processo de modernização humana, podendo se tornar mais adaptativas aos indivíduos que nele interagem ou ainda dificultar o desenvolvimento saudável humano (Teixeira, 2018, p.95).

Teixeira (2018) assim reflete as constantes mudanças nas abordagens educacionais, que as adaptações são necessárias para evolução do sujeito, contribuindo para as transformações sociais.

Existem diversos métodos e formas de ensino, dentre esses pode-se destacar alguns como o ensino construtivista, teoria de Piaget que presume que o processo de aprendizagem pode ser ativo, as crianças podem construir suas próprias dúvidas, o aprendizado ocorre por meio do estímulo e experimentação.

o aprendizado da criança está diretamente correlacionado com interações externas, principalmente realizadas com os adultos, bem como que o conhecimento produzido é fruto de outras experiências já vivenciadas pelas sociedades (Fernandes, Marinho, Batista e Oliveira, 2018, p.146).

Defendendo essa concepção de ensino, acreditamos que a ludicidade se apresenta conjuntamente nessa ideia tornar o desenvolvimento do processo de conhecimento mais apreciável e significativo.

Em meio ao período da alfabetização os professores buscam múltiplos recursos, estratégias e intervenções para requintar as formas de otimizar a aprendizagem dos educandos, dessa forma, a ludicidade auxilia em aprimorar os impasses em sala de aula, buscando oferecer de maneira explícita ou implícitas possíveis forma de aprender brincando.

Ludicidade por vezes sendo percebida apenas como um brincar que não tem cunho pedagógico, por isso por vezes pode ser mal interpretada ou mal vista por quem não compreende o papel da brincadeira nos espaços escolares. É sabido que através da ludicidade nas escolas podemos gerar uma troca de experiência e saberes que repercutem nos conceitos e termos científicos que é necessário aprender isso ocorre porque a ludicidade facilita a compreensão de conceitos complexos, permitindo que as crianças se envolvam e façam conexões entre o conhecimento abstrato (científico) e as práticas cotidianas (a aprendizagem).



No nosso atual cenário tecnológico e aligeirado, as crianças nem mesmo têm tempo de brincar, pois as escolas pensam em avaliações externas e internas, afastando o brincar dos alunos, reduzindo o direito da criança que é BRINCAR. Existem centenas de pesquisa evidenciando "[...] que é através do jogo, num processo de inter-relação entre consciente inconsciente, que a criança consegue elaborar a realidade e fantasia" (Brancher 2007 apud Scholze e Nascimento, p. 71), por isso ao utilizar a ludicidade a favor da aprendizagem expande os conhecimentos prévios que os alunos já têm com novos conhecimentos que serão adquiridos de uma maneira mais afetuosa, curiosa e atraente.

Se engana quem julga que a ludicidade só tem êxito com crianças, "O Lúdico como atividade inerente ao ser humano" (Brancher 2007 apud Scholze e Nascimento, p.72), em outros termos, o lúdico é intrínseco, próprio e característico de nós seres humanos, essa justificativa se faz com veracidade visto que o brincar encontra-se presente em todas as partes, classes, gerações e tribos.

Mesmo com os recursos digitais disponíveis, a contação de história continua sendo uma das atividades mais lúdicas, continua sendo uma ferramenta imprescindível e contemporânea em sala de aula. " Quando ouvimos uma história, a cada palavra entoada, criamos um cenário no nosso imaginário, vamos entrando em cada cantinho e desvendando a nossa criação" (Cavalcante, 2022, p.18).

Possamos perceber que a contação de história não é um passatempo ou enrolação para as crianças serem apenas sujeitos passivos e receptivos, de uma forma ativa e significativa a contação de história pode ser um recurso para aplicar o conhecimento científico, ajudando a interagir e pensar sobre o mundo real. Mostrar para as crianças, através de leituras prazerosas e lúdicas que elas são capazes de transformar algumas daquelas histórias em realidade. Diante disto, a ludicidade faz parte da educação, assim como reforça a citação abaixo.

Enquanto brinca, a criança aprende e percebe-se que há motivação e satisfação nesse tipo de aprendizagem, pois ela pode basear sua 'nova aprendizagem' em algo que lhes dá prazer e é familiar (Scholze, Brancher e Nascimento, 2007, p.74).

Portanto, é através das possibilidades que a ludicidade oferece, a criança pode construir novos conhecimentos com novos significados, de forma ativa, participativa e significativa. A aprendizagem lúdica se manifesta sempre que as brincadeiras e os jogos adentram na realidade dos pequenos. Além de gerar novas experiências e



contato com a realidade, os jogos e brincadeiras reafirmam as relações sociais pois por vezes a interação está presente nesse tipo de atividade, por outro lado, também desperta a autonomia.

3.2 A contação de histórias como estratégia de ensino e aprendizagem

Não há uma data exata que indique quando começou a contação de histórias, mas é sabido que, por meio da contação de histórias entre grupos de etnias, se repassava o conhecimento dos antigos, os costumes e a cultura, assim como relata o Giordano, (2013, p. 34) “Os tradicionais. contadores de histórias repassam os procedimentos éticos de um contador de histórias como um conhecimento milenar, que garante a conservação e a transmissão de tudo o que deve ser aprendido”.

Portanto, foi desta maneira que foi preservado por meio dos antepassados a contação de história pela oralidade, assim continuando nos dias atuais essa prática como ensinamento. Assim, como cita os autores Shah, 1996. apud Fasanello; Porto, 2012, p. 126):

A literatura, o folclore e a mitologia consideram as histórias de ensinamento como parte integrante do patrimônio cultural da humanidade, pois estão presentes no folclore de praticamente todos os povos. Desde a transmissão oral até os mais complexos sistemas de conhecimento, diferentes culturas e sociedades têm lançado mão das histórias-ensinamento, reconhecendo-as como uma pedagogia de cunho espiritual-cosmológico e ético-moral e dotadas também de um caráter curativo e preventivo.

O documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo um documento normativo que norteia os educadores nas etapas da educação dos alunos, tendo como objetivo garantir o processo de aprendizagens essenciais para todos os alunos e para todas as modalidades de ensino da educação básica. Neste documento, a BNCC reforça a importância da contação de história como um recurso pedagógico para auxiliar o professor no ensino e aprendizado, na página 42 define o eixo de “Escuta, fala, pensamento e imaginação”. Por meio da escuta, quando o docente conta a história; da fala, ao aprender novas palavras; do pensamento, ao refletir sobre a narrativa; e da imaginação, ao visualizar os cenários e acontecimentos da história, a criança vivencia todos esses aspectos (Brasil, 2017). É por meio da contação de



histórias que a criança pode experimentar essas dimensões promovendo um aprendizado valioso.

[...] A contação de histórias é instrumento que serve como ponte para transitar nas dimensões afetivas, cognitivas e sociais do ser humano e ampliar os significados que tornam as pessoas mais humanas, íntegras, solidárias e cidadãs [...] (Peres; Naves; Borges, 2018, p.152).

Essa prática de contação de história tem um contexto histórico na literatura infantil. Sendo, as primeiras histórias contadas às crianças, como Chapeuzinho Vermelho e João e Maria, eram originalmente destinadas a um público mais amplo e não foram escritas especificamente para o público infantil. Por isso, muitos desses contos continham elementos que eram considerados bastante delicados para crianças. Assim como argumenta a autora Rocha (2009, p.13):

Assim, surge outro enfoque relevante para a literatura infantil, que se tratava, na verdade, de uma literatura produzida para adultos e aproveitada para a criança. Seu aspecto didático pedagógico baseava-se numa linha moralista, paternalista, centrada numa representação de poder. Era, portanto, uma literatura para estimular a obediência, segundo a igreja, o governo ou ao senhor. Uma literatura intencional, cujas histórias acabavam sempre premiando o bom e castigando o que é considerado mau. Segue à risca os preceitos religiosos e considera a criança um ser a se moldar de acordo com o desejo dos que a educam, podendo-lhe aptidões e expectativas.

Foi apenas com Charles Perrault em 1668 que começou a surgir uma abordagem mais voltada para o público infantil, com suas coletâneas de histórias adaptadas para serem mais apropriadas e acessíveis para os pequenos. De acordo com Falconi; Farago (2015, p. 80):

Nessa perspectiva, podemos dizer que a literatura para crianças e jovens teve início na cultura europeia, e foi disseminado apelo francês Charles Perrault, ao reunir em um livro as histórias narradas pela camada populares francesas do Ancien Régime. Ao coletar histórias tradicionais, Perrault iniciou um trabalho de resgatar histórias contadas de boca a boca. Sendo assim, o contista não criou a narrativa de seus sonhos, mas sim adaptou para que estas se adequassem à corte francesa do rei Luís XIV.

A partir do trabalho de Perrault, vários autores começaram a escrever contos com o público infantil em mente. Assim como, cita falconi e Farago, (2015, p.93) “desta maneira, os contos foram transcritos da tradição oral para o papel no século XVII, esse



mérito foi atribuído pelo Charles Perrault, na qual recolheu o material da tradição oral e reformulou tudo, para atender o gosto da população”.

Portanto, por meio desses contos, começou a surgir a contação de histórias para crianças. A contação de história é também utilizada como um recurso pedagógico pelos professores. Como já foi mencionado neste texto, a contação de histórias remete a vários aspectos cognitivos da criança, auxiliando também na formação desse indivíduo. Além disso, a contação de histórias para o ensino e aprendizagem é de suma relevância, tendo em vista que é por meio dela que o docente pode ensinar sobre a importância de cada aluno respeitar a cor de pele de seu colega, as diferenças, o valor da amizade, a cultura, entre outras temáticas que podem ser abordadas através da contação de histórias.

Nesse contexto, é possível evidenciar que a contação de histórias na educação traz uma perspectiva mais desconstruída, usando esse recurso como uma ferramenta de ensino e aprendizagem. Ela possibilita ao aluno descobrir sua imaginação e criatividade por meio de experiências vividas, ao ponto de também aprender a ler, analisar, criticar e compreender textos. Além disso, o indivíduo, por meio da contação de histórias, tem a capacidade de conhecer a si mesmo e evoluir como ser humano.

Portanto, em termos educacionais, um objetivo da incorporação dos contos tradicionais e da arte de contar histórias é ampliar o potencial e os recursos dos educadores, de modo a que estimulem o valor educativo da metáfora (histórias) e utilizem-na como instrumento de trabalho dentro da escola nas diversas disciplinas e ocasiões (Fasanello; Porto, 2012, p.127).

Por meio da análise de leituras, é notável que a inclusão da contação de histórias na educação traz benefícios para um aprendizado diferenciado. O aluno tímido passa a ter mais autonomia, os alunos têm mais facilidade em aprender dentro da sala de aula, interagem mais com os professores e também com os colegas. Assim como reforçam os autores Fasanello e Porto (2012, p. 130), “[...] de um desenvolvimento infantil diferenciado, com melhor qualidade, o que precisaria ser mais bem avaliado futuramente”. Desse modo, é possível afirmar que a contação de histórias auxilia significativamente na formação, aprendizado e amadurecimento de alunos e de professores que participam de maneira coletiva desse processo de ensino, ampliando e melhorando o aprendizado dos alunos. É possível considerar também a contação de história como uma ferramenta para apresentar conceitos científicos para as crianças, a estudiosa na área Cavalcante (2022, p.3) diz que,



"Acredita-se que as histórias sejam um meio lúdico de abordar conceitos de ciências, de forma a estimular o letramento científico e as múltiplas inteligências em crianças." Inserir conteúdos científicos através das histórias é de grande valia, implicando diretamente no processo de alfabetização. A forma como se ensina é fundamental para o processo de aprendizagem do sujeito, principalmente quando se fala em criança, para isso é importante ressaltarmos a importância da transposição didática.

A Transposição Didática, em um sentido restrito, pode ser entendida como a passagem do saber científico ao saber ensinado. Tal passagem, entretanto, não deve ser compreendida como a transposição do saber no sentido restrito do termo: apenas uma mudança de lugar (Polidoro, Stigar, 2010, p.02).

A dinâmica de ser capaz de transformar o saber científico para explicar de forma ameno, didática e eficaz, sem perder a verdadeira essência do conhecimento. A transposição se torna instrumento crucial na contação de história, isso ocorre em justificativa de que a metodologia usada para contar uma história precisa de componentes internos e externos que colaboram com a assimilação e consciência do conhecimento acerca do assunto. A responsabilidade do processo de aprendizagem dos alunos é do docente, todavia, a utilização de ferramentas para o processo de aprendizagem se torna de suma seriedade.

Portanto, podemos concluir que o auxílio da transposição didática em conjunto da ludicidade na contação de história tem o potencial de criar infinitas possibilidades de repassar o conteúdo para os educandos, construindo pontes para uma aprendizagem significativa, despertando a curiosidade, o pensamento, imaginação e contribuindo com as relações sociais, além de ampliar o vocabulário.

3.3 A formação de crianças leitoras por meio da contação de histórias

Adiante, para a formação de crianças leitoras, e posteriormente adultos leitores, são necessários uma série de estímulos desde a primeira infância do indivíduo. Assim, são fundamentais mediadores entre as histórias e as crianças. Dessa forma, é perceptível que a escola como um todo, traz essa mediação, principalmente durante os anos iniciais, que os alunos já entendem melhor certos conteúdos de livros infantis.

Por esse viés, o papel de mediar o livro a criança se torna o primeiro fundamento para a formação do jovem leitor. Tendo por visto que o uso de tecnologias



estão cada vez mais frequentes durante a infância, é importante haver esse contato com os livros através da contação principalmente quando a criança está iniciando o seu processo de alfabetização. Por isso, o papel do professor se torna mais difícil ao realizar a tentativa de transformar um jovem que aprecie a literatura.

De acordo com Marly Amarilha (2001), somente a partir do século XVIII, os livros infantis e a contação de histórias passaram a ser algo visto como objeto de distração para as crianças. Por isso, eram voltados para os contos de fadas, histórias de princesas e príncipes. Todavia, somente a partir do século XX que as histórias infantis vêm se transformando em metodologias lúdicas que auxiliam no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos indivíduos. Além de haver histórias que entram em contato com a realidade das crianças e outras que estimulam o imaginário delas, a contação de histórias permite que o professor trabalhe diversos aspectos cognitivos, emocionais e sociais nos alunos.

De acordo com o autor Cerrillo (2010), a família está envolvida entre os três principais ambientes mediadores para a leitura acontecer. Além da família, estão envolvidos a escola e a biblioteca. Dessa forma,

A família: o ambiente mais imediato em que se desenrolam os primeiros anos de vida e o local ideal para a descoberta da fala através da oralidade; [...] e onde a responsabilidade é dos pais (Cerrillo, 2010, p. 97).

O primeiro contato de uma criança com histórias geralmente vem dos pais, durante o processo de ler para os filhos dormirem ou como uma diversão entre família. Assim, o hábito de ouvir uma história quase diariamente pode estimular uma afeição da criança pelos livros desde os primeiros meses de vida. Por outro lado, caso os pais não incentivem essa busca pelo conhecimento continuamente, ao ingressar na escola, as crianças irão ter a possibilidade de entrar em contato com os livros.

Posteriormente, será durante esse primeiro contato, ao pegar no livro, sentir a textura, apreciar as imagens presentes ali que surgirá a curiosidade de “o que tem aqui dentro”, ao simplesmente folhear os livros, que as crianças irão sentir a necessidade de saber o que está escrito, o que significam aquelas imagens, e o desejo de aprender a ler logo para conhecer aquela história além do que a professora ou os pais contam. Assim, é deveras importante que haja essa liberdade de folhear os livros elas mesmas, de através de sua imaginação e visualização de imagens ela criar sua própria história, baseado no que seus pais contam.



Dessa forma, ao parafrasear com as autoras Tussi e Rösing (2009), é possível notar ainda que além de ser mediadora da leitura, a família também tem o papel de estimular o desenvolvimento pela leitura. Assim, pode-se compreender que o papel de mediador do mundo da leitura e das crianças deve acontecer primeiramente através da família, e posteriormente, a escola e professores com contações de histórias e estímulos.

Adiante, de acordo com Tussi e Rosing (2009) é necessário que os pais, e família no geral, saiba escolher os livros que as crianças irão ter contato. É importante que haja uma preparação, como escolher livros que vão além do conteúdo que a criança goste, mas que haja também uma oportunidade de aprendizagem na história, para isso, se faz necessário buscar auxílio de outras fontes.

Como bem diz “Basta que se disponha a buscar ou aceitar informações de profissionais especializados – professores, bibliotecários e livreiros” (Tussi; Rosing, 2009, p. 84). Para transformar a criança em um leitor, as pessoas devem a partir do primeiro contato com a contação de histórias, criar um interesse que surgirá na primeira etapa da infância. Pois, através do carinho passado pela história para a criança, ela irá querer cada vez mais que o adulto conte uma história para ela, até a mesma se tornar uma criança alfabetizada, com o próprio gosto para histórias, além de promover uma educação literária.

4 Considerações finais

Com base na pesquisa realizada sobre a contação de história como estratégia lúdica no processo de aprendizagem, somos capazes de responder à nossa indagação inicial: a contação de história pode ser considerada uma estratégia lúdica vantajosa para os processos de ensino e aprendizagem? Por intermédio da pesquisa realizada, identificamos que a contação de história pode ser considerada uma estratégia lúdica vantajosa para os processos de ensino e aprendizagem vivenciados por crianças.

Por meio da contação de história conseguimos estimular imaginação, pensamento, fala e raciocínio, cooperando para alavancar um olhar crítico das e com as crianças. Assim, como mencionado no início desta pesquisa, o objetivo geral consistiu em analisar a contação de história como estratégia vantajosa para os processos de ensino e aprendizagem. Compreendemos que a contação de história



trata-se de uma estratégia que contempla os seguintes benefícios: desenvolve o campo léxico; promove o aprendizado de novas palavras, significados e conceitos, ampliando o repertório do vocabulário; desenvolve o imaginário; aprimora a atenção e a compreensão do que está sendo contado, sendo capaz de instigar também a criatividade e a fantasia.

Além disso, desenvolve o raciocínio, pois a partir da escuta a criança parte daí seus pensamentos, refletindo e obtendo um olhar mais aguçado para o que está sendo dito, a fim de ter consciência do conhecimento possibilita a formação de crianças leitoras: o mundo tecnológico por vezes inviabiliza das crianças e jovens de se aproximar de livros, histórias; auxilia na alfabetização: no decorrer das histórias as crianças trabalham a escuta, identificando os fonemas, rimas, repetições, além de interpretar as ilustrações presentes nas histórias; propicia aprendizagem emocional: através da entonação, das pausas, pronúncias e ritmo da história as crianças entendem sobre os sentimentos expressos, construindo a consciência emocional.

Podemos concluir que, ao estimular a criatividade das crianças com as contações de histórias, incentivar o amor pelos livros e pela literatura, os professores estarão estimulando outros novos meios de aprendizagem.

Referências

AGUIAR, Jonathan Fernandes de; VIEIRA, Camila Nagem Marques; MAIA, Maria Vitória Campos Mamede. **Lúdico, ludicidade e atividade lúdica: diferenças e similaridades**, 2º Congresso Nacional de Educação, Poço de Caldas.

Disponível

em:

<https://www.educacaopocos.com.br/Anais/trabalhos2018/10.%20L%C3%9ADICO,%20LUDICIDADE%20E%20ATIVIDADE%20L%C3%9ADICA%20DIFEREN%C3%87AS%20E%20SIMILARIDADES.pdf> Acesso em: 28 set. 2024.

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas: educar para ler ficção na escola**. - 1. ed. - São Paulo: ed. Livraria da física, 2013.

BALÇA, Ângela; AZEVEDO, Maria Margarida; BARROS, Rosário. **Relatório de autoavaliação: uma ferramenta para a reflexão e a mudança na formação inicial de professores. A formação de crianças leitoras: a família como mediadora de leitura**. 2017. Disponível

em:

<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/21635/1/Bal%C3%A7a%20Azevedo%20%26%20Barros%202017.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação infantil e ensino fundamental**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em:



<https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/base-nacional-comum-curricular-bncc>. Acesso em: 08 ago. 2024.

CAVALCANTE, Luciana Silva. **Contação de histórias: uma forma lúdica de promoção do letramento científico**. 2022. 77 f. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/44659/1/2022_LucianaSilvaCavalcante.pdf. Acesso em: 02 ago. 2024

CERRILLO, Pedro C. Literatura infantil e mediação leitora. In: AZEVEDO, F. (Org.). **Língua Materna e Literatura Infantil. Elementos Nucleares para Professores do Ensino Básico**. Lisboa: Lidel, 2006. p. 33-46. Acesso em: 13 ago. 2024.

CAVALCANTE, Luciana Silva. **Contação de histórias: uma forma lúdica de promoção do letramento científico**. 2022. 77 f. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/44659/1/2022_LucianaSilvaCavalcante.pdf. Acesso em: 02 ago. 2024.

SCHOLZE, Darlene; BRANCHER, Vantoir, Roberto.; NASCIMENTO, Cláudia. Terra, do. O Papel da ludicidade no processo de aprendizagem infantil. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 8, n. 2, p. 69–82, 2007. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/3584/2866>. Acesso em: 08 ago. 2024.

EDIFY EDUCATION. **Educação tradicional: como se diferencia das metodologias ativas?**. 10 ago. 2022. Disponível em: <https://edifyeducation.com.br/blog/ensino-tradicional/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

FALCONI, Isabela Mendes; FARAGO, Alessandra Corrêa. **Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 2 (1): 85-111, 2015. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200330.pdf>. Acesso em: 27 set. 2024.

FASANELLO, Marina Tarnowski; PORTO, Marcelo Firpo de Souza. **Arte de contar histórias, integrada a outras linguagens de arte: uma prática pedagógica na educação básica**. *Pro-Posições*, v. 23, n. 3 (69), p. 123-131, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/8H3SrvYwZZfTkV4W3rs6STL/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

FERNANDES, Arlete Modesto Macedo; MARINHO, Gisanne de Oliveira; BATISTA, Miriam Delmondes; OLIVEIRA, Gislene Farias de. **O Construtivismo na Educação**, Id on Line Rev. Mult. Psic. V.12, N. 40. 2018. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1049/1514> . Acesso em: 30 jul. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Anexo C1. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 08 ago. 2024.



GIORDANO Alessandra. **A arte de contar histórias e o conto de tradição oral em práticas educativas.** *Constr. psicopedag.*, 2013, vol.21, no.22, p.26-45. ISSN 1415-6954. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v21n22/04.pdf>. Acesso em: 27 set. 2024.

MARTINS, José Antonio; SOUSA, Carlos Eduardo. A importância da ludicidade na educação infantil. **Revista Id Online**, v. 11, n. 37, p. 89-99, jul. 2022. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1049/1514>. Acesso em: 11 ago. 2024.

PEREZ, Silvana Goulart; NAVES, Renata Magalhães; BORGES, Fabrícia Teixeira. **Recursos simbólicos e imaginação no contexto da contação de histórias.** *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 151-161, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/wTSSWPkbDnvSyz4q8WfFCyd/>. Acesso em: 06 ago. 2024.

POLIDORO, Lurdes de Fátima; STIGAR, Robson. A transposição didática no ensino religioso: reflexão e prática. *Educação, Arte e Cultura*, 2010. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Ensi_no_religioso/transposicao_didatica.pdf. Acesso em: 29 set. 2024.

RIBEIRO, Maria Isabel; SILVA, Cleverson Lopes da. A inclusão digital na educação: desafios e perspectivas. **Revista de Educação, Cultura e Sociedade, Cáceres**, v. 7, n. 1, p. 67-82, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/3584/2866>. Acesso em: 14 ago. 2024.

ROCHA, Maria Conceição Bacelar. **A importância dos contos de fada para a criança. Trabalho de conclusão de curso** (Graduação em Pedagogia) — Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32284/1/Monografia%20de%20Gradua%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 27 set. 2024.

SOUZA, Ana Maria Lima; LOURENÇO, Elda Alves. **A transposição didática no ensino religioso:** reflexões sobre o desenvolvimento de práticas pedagógicas. 2010. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Ensi_no_religioso/transposicao_didatica.pdf. Acesso em: 09 ago. 2024.

SOUZA, Vanessa Cristina Saran de; MARINELLI, Rosa Cristina; SILVA, Sirlene Bento da; ANTUNES, Renata Correia Ramos; SILVA, Rosana Aparecida da. A LUDICIDADE E SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO E NA APRENDIZAGEM, **ISCI-Revista Científica**, 2020. Disponível em: <https://www.isciweb.com.br/revista/37-numero-1-2021/2322-a-ludicidade-e-sua-importancia-no-desenvolvimento-e-na-aprendizagem>. Acesso em: 29 set 2024.

TEIXEIRA, Léo Henrique, A abordagem tradicional de ensino e suas repercussões sob a percepção de um aluno, 2018, **Revista Educação em Foco**. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp->



content/uploads/sites/10001/2018/08/009_A_ABORDAGEM_TRADICIONAL_DE_ENSINO_E_SUAS_REPERCUSS%C3%95ES.pdf. Acesso em: 07ago. 2024.

TUSSI, Rita, de Cassia.; ROSING, Tania M Kuchenbecker. Programa Bebelendo. **Uma intervenção precoce de leitura.** São Paulo: Global, 2009.